

# A Geografia: o Espaço e o Tempo

*Helio Romito de Almeida\**

Modernamente as definições da geografia se referem às relações do homem com o espaço. A espacialização da geografia decorre do princípio fundamental de que o espaço ou é o elemento mesmo das atividades produtivas (solo) ou, genericamente, suporte das relações de produção. Assim, necessariamente todas as relações do universo humano com o espaço nele estariam representadas: econômicas, sociais, culturais e comportamentais. Evidentemente fala-se da geografia humana, ou da geografia propriamente dita, considerando-se que a geografia física, ou do próprio espaço tridimensional em suas muitas divisões, tem hoje seus campos de estudo em separado, muitas delas tendo evoluído como ciências independentes.

Segundo Kostrowick<sup>(1)</sup>: Em geografia "não se deve trabalhar unicamente com o espaço absoluto, como se fazia até data recente. As análises espaciais conferem atualmente uma grande importância ao espaço relativo, e se depara obstáculos e limitações do espaço euclidiano depois que se compreendeu que o comportamento dos seres humanos no espaço é regido pela interação das decisões tomadas em diversos espaços, respectivamente político, econômico, cultural, sociológico, etc., e que se o espaço absoluto é sempre o mesmo, os espaços relativos mudam constantemente". Acrescentaríamos a esse raciocínio; tanto nos espaços propriamente ditos atuais, como nos espaços pretéritos, inseridos no contexto evolutivo das sociedades humanas. As decisões hoje, de alguma forma se relacionam a um passado mais ou menos distante.

Vista por este ângulo, a geografia moderna deveria tentar explicar todas as formas de "mediações" que se exercem entre os homens e os fatos geográficos de qualquer natureza, seja com

---

\* Prof. do Departamento de Geociência da UFSC.

1. "Un concept fondamental: l'Organisations de l'Espace", in *Revue Internationale des Sciences Sociales* (UNESCO). Nº 2. 1975. Paris.

relação à totalidade dos espaços terrestres, seja com relação a espaços definidos, segundo as variáveis do presente, que explicam o presente por si mesmo, e as variáveis históricas, que falam de "mediações" de fatos de um mesmo espaço ou de determinado espaço sobre outros espaços.

Se reduzirmos a geografia a suas propriedades fundamentais (homem, espaço, suas relações), termina-se por reconhecer no espaço a existência de dois parâmetros: distância e extensão. Hoje, somente nestas "limitações" (bastantes generalizadas) é que a geografia escapa às controvérsias e ao transpasse sobre seus domínios de outras disciplinas. Sobre estas noções, bastantes simples, de distância entre dois pontos definidos e do conceito genérico de extensão, elaboram-se formulações cada vez mais complexas, de grande valor explicativo. Na verdade essas formulações são tanto mais ricas em explicações quanto mais complexo é o espaço. Essas mesmas propriedades fundamentais e seus parâmetros, existem hoje como existiam no passado, e de um determinado passado para os dias atuais, ganhando em complexidade. Face à velocidade com que é possível hoje o deslocamento entre dois pontos dados, o tempo corre mais depressa que no passado, e a extensão é mais absorvida. Mas tudo se faz sobre a totalidade de um mesmo espaço, planetário, diferindo de hoje para o passado, apenas a relação da dimensão do tempo percorrido num espaço dado.

Sabe-se bem que nos espaços terrestres a distância geométrica jamais intervém em seu estado puro. A "mediação" que existe entre duas séries de fatos, ou de grupos humanos mais ou menos afastados uns dos outros, é sempre identificada em função de outros fatos ou de outros grupos (ou de grupos e fatos), localizados a "meio caminho". Esses novos elementos participam de uma relação que cessa de ser binária para mobilizar obrigatoriamente um ou mais elementos complementares, integrados (quaisquer que sejam suas variáveis) ao espaço em questão. Isto significa, em última análise, que não existem espaços estanques, por menor que sejam. Um espaço industrializado, por exemplo, mostra estágios pontuais de um encadeamento produtivo, apresentando, cada um deles, seu próprio "ambiente espacial", pleno de elementos essenciais (economias externas, serviços, etc.), no todo caracterizado

como um espaço funcional, com seus inputs e outputs. Em síntese, a complexidade crescente do espaço terrestre cria cada vez mais linhas de continuidade que se entrecruzam em todos os sentidos. Interessante é observar que esses espaços pontuais de um encadeamento produtivo não surgiram todos ao mesmo tempo. Eles se criaram no tempo, uns primeiro, outros depois, até chegar à malha de complexidade atual. Isto quer dizer que, desde que se passa de uma realidade “estática” a uma realidade concreta que se “move”, sabemos que essa movimentação se processa não apenas no espaço atual, em si mesmo, mas também entre duas escalas temporais de um mesmo espaço. No encadeamento temporal, fatos históricos anteriores “explicando” os posteriores. Se tivéssemos de fazer uma comparação entre os espaços atuais e os pretéritos, diríamos que os espaços evoluíram tanto em seu processo de ocupação (densificação) como na eliminação progressiva das descontinuidades. Propriamente dito não existem mais hiatos espaciais, e mesmo os espaços pouco densificados são percorridos pelos homens em toda sorte de objetos, terrestres, marítimos ou aéreos.

Na determinação dos espaços mundiais somos passíveis de reconhecer, em função de um “processo civilizador de ocupação dos espaços”, espaços novos, recém-estruturados, e espaços velhos, impregnados de história. Por via direta, do espaço para o próprio espaço, ou indireta, de um espaço qualquer sobre outros espaços, a herança histórica irá influir decisivamente no que são hoje estes espaços, econômica, social e culturalmente. Por isso, a explicação geográfica dos espaços vividos atuais, sua funcionalidade e interrelacionamento, assim como sua normalidade (normas de vivência) e ordenação (ordem espacial), deve levar em consideração também a continuidade (ou as descontinuidades) cronológicas, ou seja, “avanços” ou “atrasos” na linha evolutiva das sociedades e de seus espaços. As idéias de anterioridade podem ser aplicadas com muita propriedade à explicação da estruturação e funcionalidade dos espaços atuais (espaços “modernos” e espaços “defasados”). Por outro lado, as idéias de posteridade podem servir de parâmetro ao sentido que se pretende imprimir filosoficamente à vida (em seu conjunto à sociedade) em função de um futuro melhor, representadas sobre o preparo (planejamento) do

espaço — estruturas espaciais em consonância com as tendências evolutivas da sociedade. Com relação à anterioridade dos atuais espaços, nunca houve antes, na história, uma preocupação como tal definida. O tempo do espaço terrestre, assim, nos parece se mostrar inseparável do próprio espaço terrestre. Na França Pierre Chaunu <sup>(2)</sup> acentua o que ele chama de “espaços plenos” como motor da história, isto é, as massas humanas saturando partes significativas da superfície terrestre, segundo a complexidade de suas técnicas. Esses “espaços plenos”, sabemos bem, existiram em diversos momentos da história.

Os geógrafos ensaiaram por muito tempo separar dialeticamente, sem muito sucesso, os efeitos humanos no tempo e no espaço, quando não negligenciaram uma dessas duas dimensões. Na França e na Alemanha, notadamente, a chamada geografia clássica acentuava, em “suas pesquisas das explicações”, a importância de recorrer à história. Por outro lado uma geografia que se diz e que se quer moderna, nascida nos países anglo-saxões, recusa o que ela classifica de “explicação histórico-literária” <sup>(3)</sup>. Ela insiste sobre as necessidades das “solidariedades funcionais” tais como se exercem nos momentos atuais (história imediata, em nosso entender), no interior e entre sistemas geográficos (como o regional, por exemplo). Essa maneira de pensar a geografia foi inicialmente influenciada por sociólogos e economistas, como se sabe, e, particularmente no que concebe a “ciência econômica regional”, por Walter Isard e sua escola, ou ainda conduzida pela escola de Chicago <sup>(4)</sup>. Mesmo que certas referências procedam de modelos empíricos, desenvolvidos no início do século (Cristhaller, Weber e outros), o sucesso desta geografia (ou apenas técnicas geográficas no interior de diferentes modelos?), reflete, sem qualquer traço de dúvida, um mundo cada vez mais complexo, em processo de continuidade espacial e unificação das heterogeneidades (necessidades de uma

---

2. “Historie, Science Sociale” SEDES. 1974. Paris.

3. J.B. Racine et H. Reymond. “L’Analyse Quantitative en Géographie” P.U.F. 1973. Paris.

4. I. P. Gérasimov. “L’apport de la géographie à l’univers actuel des connaissances”. In *Révue des Sciences Sociales*. n° 2 (UNESCO). 1975. Paris.

síntese da complexidade?), assim como das relações sócio-econômicas, cada vez mais densas e materialmente no espaço imbricadas, estabelecidas entre os lugares e os homens. Essa evolução, note-se, não teria sido possível sem os avanços das técnicas quantitativas das quais o computador é hoje a expressão máxima.

Alain Lipietz<sup>(5)</sup>, criticando as teorias burguesas da localização, diz que o pensamento acadêmico-burguês não tem como chegar ao âmago da questão da economia política: a resolução da contradição do social/privado. Esta cisão vai mais longe ainda, entre o espaço concebido como localização pontual e o espaço como uma superfície consumida (ou absorvida pela população que nele vive). A economia política (qualquer que seja sua ótica) é indissolúvel do conhecimento do espaço. Suas variáveis tanto são atuais como históricas. Como explicar o conflito entre o social/privado, hoje, sem recorrer à “história do espaço”?

As duas geografias ainda hoje são conflitantes, quando não deveriam ser, pois o concreto e o abstrato, tanto no tempo atual como numa dimensão histórica se interpenetram para explicar a complexidade dos espaços vividos. Segundo a separação existente entre as duas óticas, desemboca-se sobre dois tipos de explicações diferentes, quando não conflitantes sobre o mesmo espaço estudado. Trata-se portanto, de repensar as duas geografias, que na verdade são uma só. Pode-se, isto sim, interpretar o espaço segundo diferentes variáveis, dentro de uma mesma geografia, jamais por duas geografias diferentes. Resumindo, de um lado a causalidade ligada aos encadeamentos no tempo, cumulativas em seu processo explicativo, de outro uma causalidade circular, do tipo sistêmica, onde cada elemento é ao mesmo tempo causa e efeito no seio de sistemas complexos. Entre a interpretação histórica e a interpretação funcional das mesmas relações situadas no espaço (ou na sociedade), não existe, na verdade, nada que seja incompatível. Com relação à teoria dos sistemas no espaço, um conjunto de relações interdependentes pode se transformar, se desenvolver, se enriquecer e atender à complexidade crescente do

---

5. Alain Lipietz. “Le capital et son espace”. Maspero. 1977. Paris.

espaço e, mais que isso, por um processo que necessariamente também se desenvolve no tempo (escala de tempo considerada). Assim, pois, mesmo num espaço de tempo curto varia a complexidade do espaço, que poderia ser medida por séries estatísticas dos dois tempos considerados, assim como das relações não materializadas decorrentes da evolução da economia política, da sociologia, das relações psicossociais e comportamentais da sociedade, etc. Num espaço de tempo mais longo, onde as séries estatísticas são impossíveis, medida a complexidade pelo legado material e abstrato (valores) da história, que mostra a evolução do espaço segundo as variáveis (traços e padrões de cultura) que se deseja apreender. Como estudar hoje, por exemplo, as “regiões enraizadas”, como as chama Frémont<sup>(6)</sup>, na China? Exclusivamente pelas técnicas quantitativas de uma perspectiva sistêmica? Verdaderamente impossível! Apesar das variáveis históricas explicarem as transformações sofridas pelos espaços, até a atualidade, estas são difíceis de serem dimensionadas por se constituírem basicamente pela transmissão de traços culturais (exemplo: técnicas agrícolas trazidas pelos colonos italianos e adaptadas à organização de seus espaços de produção no Vale do Itajaí-Açu).

Qualquer que seja o ponto de vista disciplinar onde nos colocamos, as relações dos homens com os fatos (e as coisas), como as relações dos homens entre si — objeto comum das ciências sociais — são sempre mais ou menos tributárias de um “processo civilizador”. A civilização é o tempo longo da história (a “durée” ou a longa duração) segundo Braudel (7) e outros, projetada sobre uma sociedade vivente atual, o que equivale dizer sobre o espaço vivido. Hoje pode-se mesmo afirmar que o “processo civilizador” de um grupo ou de um povo exerce seus efeitos geográficos segundo, duas componentes essenciais: as técnicas de produção (modo de produção), encontradas no seio das Formações Econômicas e Sociais<sup>(8)</sup>, e as técnicas e fórmulas que permitem o exercício do poder

---

6. A. Frémont, “La Région, Espace Vécu”. P.U.F. 1976. Paris.

7. Fernand Braudel. “Civilisation Matérielle et Capitalisme”. A. Colin. 1967. Paris.

8. Milton Santos. “Espaço e Sociedade”. Vozes. 1979. Petrópolis.

sobre o espaço como um todo (o direito ou a institucionalização do espaço), assim como o fracionamento deste mesmo poder em escalas sucessivas decrescentes até o indivíduo (no caso, o indivíduo e seu espaço)<sup>(9)</sup>.

A geografia explica que, hoje, as sociedades (exceto alguns grupos de primitivos atuais) não mais são influenciadas determinantemente pelo meio físico, nem, por outro lado, possuem total arbítrio para procederem como quiseram, dadas as condicionantes de relacionamento e de dependência entre os homens, as regiões, as nações. Elas são, no mínimo, influenciadas pelos fatos locais (modos de produção e diferentes formas de exercício do poder) que têm assento no espaço e que determinam seus comportamentos. Isto ocorre no "espaço-hoje", como o conhecemos, e no "espaço-passado", segundo as limitações sócio-econômicas e culturais de cada grupo humano, de cada civilização. Como explicar o espaço de vivência conforme as variáveis (fatos, relações) existentes, sem apelar para a economia política, a sociologia e a história, sobretudo esta última, dados os vínculos (ou raízes) do presente com um passado mais ou menos remoto? Não será, seguramente, apenas pela causação circular sistêmica, reconhecida na dinâmica dos espaços modernos.

A geografia é uma disciplina bastante singular com relação a todas as outras inseridas no conjunto das ciências do homem: o passado para ela não é uma simples história interiorizada, ele se materializa em objetos concretos, aqueles mesmos que formam o aspecto imbricado das paisagens, com seus elementos novos e herdados. Por outro lado, a herança cultural da sociedade, elemento abstrato, tende a se refletir nas sociedades modernas e no espaço por elas ocupado. A paisagem, como se sabe, representa uma ordem estrutural que permite o funcionamento do espaço. Enquanto a paisagem em si é estática, o espaço estruturado é dinâmico, porque sistêmico, realimentado pelas transformações sociais induzidas, mercê da vontade de seus habitantes. Quando estas se exprimem nas transformações necessárias ao espaço para

---

9. Michel Foucault. "Microfísica do Poder", Graal. 1979. Rio.

acompanhar a evolução das sociedades, é possível então falar-se, como bem o diz Labasse<sup>(10)</sup>, em Geografia Voluntária. Por sua vez o que Perrin<sup>(11)</sup> chama de "grupamento eficaz" é a vontade coletiva dos habitantes de um determinado espaço, composta tanto de elementos sócio-culturais atuais como herdados, capazes de realimentar os sistemas espaciais.

No ponto de vista em que nos colocamos, tendemos a encarar o espaço comum ou banal como um espaço também normal. "Uma norma se propõe como um modo possível de unificar um universo, de reabsorver uma diferença, de resolver uma desavença"<sup>(12)</sup>. O espaço dito normal pressupõe a existência de normas (de viver, de trabalhar, de agir, etc.). No espaço o normal é igual à ordem. Na verdade todo espaço (com raras exceções) é organizado. No entanto é preciso considerar que é a anterioridade histórica que provoca essa normalidade (ou organização). Isto quer dizer que nenhum espaço normal o é simplesmente por ter sido ordenado e submetido a uma lógica funcional na atualidade. A normalidade de hoje é decorrente de uma normalidade passada, ao mesmo tempo que evolutiva. Por outro lado a anormalidade é a própria patologia do espaço, a desordem, a não funcionalidade. A anormalidade via-de-regra é conseqüência de uma herança social em discordância com o espaço, decorrente das bruscas transformações sofridas pelas sociedades, não refletidas, ainda, em seus espaços de vivência. Por outro lado, dentro da própria normalidade o espaço pode variar entre a realidade e a alienação. A alienação espacial (tema de pesquisas recentes) pode por sua vez ter uma causa histórica, geralmente atribuída às mutações do espaço provocadas por causas externas, enquanto a sociedade (ou parte dela) estaria ainda vivendo numa dimensão "status quo ante". Neste caso estaríamos em presença de uma defasagem entre a sociedade (medida por seus padrões de cultura) e um espaço bruscamente transformado.

---

10. Jean Labasse. "L'Organisation de L'Espace". Hermann. 1965. Paris.

11. Jean Claude Perrin. "Développement Régional". P.U.F. 1974. Paris.

12. Georges Canguilhem. "O Normal e o Patológico". Forense. 1978. Rio.



Esses são aspectos que as técnicas quantitativas da “moderna geografia” não podem resolver. Somente incursionando pelo domínio de outras disciplinas do homem poderia a geografia encontrar a explicação para a anormalidade espacial, assim como para a alienação do espaço (recorrendo até a psiquiatria, se necessário). Espaço e tempo, assim, são encarados por muitos como duas faces de uma mesma moeda, responsáveis pela explicação não apenas da paisagem, como também da funcionalidade dos espaços. Neste último caso a funcionalidade variará do mais elementar (cultura preexistente), onde o modo de produção exerce um papel fundamental, ao mesmo tempo influenciando o espaço e sendo por ele influenciado, até o mais complexo, mercê de interdependências de toda natureza e das raízes históricas que determinaram ou influenciaram o modo de viver.

Parece-nos que na questão do método reside a grande explicação de coadunar a geografia sistêmica (e quantitativa) com os componentes históricos do espaço. Resta saber como fazer para chegar lá. No estágio em que se encontra a geografia, hoje, isto nos parece de extrema importância, pois esta disciplina poderá evoluir para um tecnicismo espacial que a isole das demais disciplinas do homem, este tomado como simples objeto estatístico; por outro lado a geografia exclusivamente por seu sentido humanístico pode desaparecer enredada na expansão de outras disciplinas, tais como a sociologia e a antropologia social, que em seu método incluem as variáveis tempo e conseqüentemente as heranças culturais na explicação do presente.